

Tété Alinho



"A música era uma forma de conseguir atrair as pessoas para falar da luta de libertação"

P: Poderia falar do ambiente musical e social em Cabo Verde nos anos 70, com um foco para as lutas de libertação colonial?

Falando do ambiente musical e social dos anos 70, em São Vicente, na altura em que eu estava em plena adolescência e quase na recta final do liceu, uma altura para mim interessante como jovem, nós tínhamos vários grupos musicais nesse momento, começaram os Ritmos Cabralianos um pouco antes, mas depois os Kites, costumava cantar também com eles, os Westside, os Kings, e nós fazíamos festas de música variada, música de Cabo Verde, música estrangeira, como fazem todos os jovens numa certa época da sua vida.

Entretanto, o ambiente, à medida que fomos avançando no liceu, fomos nos apercebendo da situação, da situação política que se vivia, não só em Cabo Verde como também nas outras colónias e em Portugal, e na guerra que havia na Guiné. É curioso porque quando eu era pequenina, eu tinha uma vizinha que me dizia que ela ia casar-me com o seu filho, e depois, a uma certa altura disse-me, eu não sei se vou conseguir casar-vos porque há uma guerra muito grande na Guiné, se a guerra vier para aqui, talvez vamos morrer todos e não vou poder casar-vos. Mas isso foi o primeiro contacto que eu tive com uma situação que havia naquele momento na Guiné-Bissau. Posteriormente, eu tenho um irmão que foi para a luta aí foi o meu segundo, o meu grande contacto realmente com a luta de libertação nacional. O meu contacto mais forte aconteceu quando o meu irmão foi para o PAIGC, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, para a luta de libertação, e claro, aí eu comecei a tomar realmente mais consciência da situação que existia.

Em relação aos colegas, a troca de livros, a troca de ideias em relação à situação política que vivia Portugal nesse momento e as ex-colónias. Lembro-me, inclusive, de ter ido para São Nicolau com a minha tia passar umas férias, eu tinha um irmão, ela tinha um filho, que era o Osvaldo Lopes da Silva, que estava, naquela altura, na Guiné. E todos os dias, às seis da tarde, mais ou menos eu sei que começava a escurecer, ela fechava as janelas todas e punha a Rádio Libertação.

Eu costumo dizer à Amélia Araújo, que acho que foi a primeira vez que eu a ouvi, foi através da Rádio Libertação, e ouvíamos as notícias, as baixas, que tinha havido de um lado ou do outro, e as notícias que a Rádio Libertação enviava para que nós estivéssemos, digamos, a par da situação, do que se passava aí. Mais tarde, já mais perto do último ano de eu terminar o liceu, cada vez foi mais real para mim a situação, aquilo que acontecia. Eu costumo contar uma pequena história, porque nessa altura já nós sabíamos dos presos políticos, inclusive um dos presos de que eu me lembro é do Luís Fonseca, que tinha um namoro com a Fernanda, ele entretanto foi preso, e a Fernanda ia vê-lo, aliás, ia vê-lo à prisão do Tarrafal.

E eu achava, eu na minha juventude, naquela idade em que nós tudo romantizamos, eu achava excepcional o amor entre eles, a abdicação dela, o facto dela vir, não sei se era todos os meses, ela tinha autorização para vir ter com ele, e ela sempre naquela esperança, ela vinha-lhe dar força e recebia também força da parte dele, inclusive o primeiro filho deles é fruto da prisão, dessa estadia do Luís na prisão. Portanto, eu seguia

aquilo, eu achava que aquilo era uma história maravilhosa, realmente, de sacrifício, de amor, tudo coisas que me foram ligando, digamos, a um momento que se vivia. E chegou o 25 de Abril, e claro, nós estávamos no sétimo ano do liceu, naquela altura era o último ano dos liceus, e claro, nós éramos a geração da frente.

E aí, com o 25 de Abril começa todo o movimento de sensibilização da população sobre a situação que se estava a viver e para a independência. Então aí entraram as canções de protesto e luta, as canções que anteriormente eram cantadas à porta fechada começaram a ser cantadas nos comícios, e eu tive esse privilégio de ser uma das vozes, talvez uma das primeiras, junto com o Fega e a Zinha, lembro-me da Zinha Faustino, de ser uma das vozes que divulgava a música de protesto e luta. Inclusive, às vezes fala-se muito aqui de trios eléctricos, já nesse tempo, eu subia para cima de uma camionetezinha com o Luís Morais, com o Tolas, nem me lembro se tínhamos um gerador, eu não sei o que é que tínhamos, mas eu sei que nós tocávamos em cima da carroçaria, na parte de trás, nós íamos pelos bairros a cantar e a tocar, para além dos comícios que aconteciam. A música era uma forma de conseguir atrair as pessoas para falar daquilo que tínhamos que falar e que era o processo de independência que estava em curso, e aquilo que estava a acontecer na Guiné, e o que iria provavelmente acontecer em Cabo Verde, e falar da situação colonial e do domínio colonial durante todos os anos, coisas que se sabiam, mas de que não se tinha a real consciência do que era, e também fazer despertar nas pessoas esse brilho, essa vontade de uma nação nova que pretendia se construir.

Lembro-me de ter ido, nessa altura, para a Boa Vista, e o Aristides Lima, costuma mencionar muito isso, diz que há uma dívida comigo pelo seguinte: a Boa Vista, naquela altura, estava completamente de costas voltadas para o PAIGC, havia famílias que eram de outros partidos e que tinham muita influência, mas era necessário fazer essa sensibilização com a população e marcou-se um comício, não havia uma alma nesse comício e eu estava a passar férias aí. E então, eu, atrevidamente, subi ao palco com a minha viola, com o meu violão, aquele pouco que eu sabia tocar, pus-me a cantar, e as pessoas começaram a aproximar-se, porque eu costumava, à noite, sentar-me à porta das casas com os pescadores e com as pessoas daí, e nós tocávamos e cantávamos, até aprendi umas quantas músicas (mornas) que eles me ensinaram, então, quando eu subi para o palco a cantar, as pessoas começaram a vir. A vila era pequenininha, não é? Vila de Salrei, e as pessoas começaram a vir, e quando já havia um número de pessoas suficiente, então, começou o comício.

Foi assim que conseguiram, eu, por acaso, já nem me lembrava, o Aristides, é que me veio lembrar desta situação. Portanto, eu tive, eu acho que eu e toda a minha geração tivemos esse privilégio de estar presentes nesse momento tão importante para nós, que foi o momento entre o antes e o depois, e tudo o que veio a acontecer depois, o início de uma nação, o início de um sentido de patriotismo, de sentido de pertença a um país que realmente queríamos e que veio a ser nosso realmente, então, eu acho que fomos privilegiados, e eu tive também o privilégio de poder, com a minha voz, de alguma maneira contribuir para que isso acontecesse. É um grãozinho de areia, mas foi um grãozinho de areia do qual me orgulho muito, não é? E penso que todos os da minha geração, cada um deles fez a sua parte.

E havia músicas, nós cantávamos músicas do Manuel Faustino, músicas do Daniel Handel, músicas do Tony Lima, sim, do Valdemar Lopes da Silva, sim, é do Valdemar, aliás, ele foi um dos primeiros a chegar, acho eu, e ele também cantava muitas vezes, e eram as músicas da época que nós cantávamos, e havia, eu lembro, o Ildo Lobo (1953-2004) veio gravar depois o Serafim, que era a música do Manuel Faustino, eu cantava o Catentraboi Matemondrong, o Carneiro te Carrega a Morte, todos aqueles temas que eram temas de situações que se viviam aí, o Carneiro era dono de uma funerária, não? A primeira funerária que surgiu em São Vicente, e então, digamos, é uma música, é uma sátira, sobre como é que as coisas se passavam quando o enterro era dos ricos e quando o enterro era dos pobres. O Catentraboi Matemondrong abordava a realidade naquela altura, desde os anos 60, uma grande emigração que havia para Portugal, para trabalhar nas obras, os Cabo Verdianos iam trabalhar nas obras, e pronto, iam embora para procurar melhor vida, enquanto vinham os portugueses, segundo a música, fazer a vida também em Cabo Verde.

Realmente as músicas foram músicas da época, eram muitas e davam para fazer saraus completos. Outra coisa foi o batuque, o sanjón, que eram ritmos que eram absolutamente proibidos até na cidade e ignorados, eram só as mornas e as coladeiras, nós fomos buscar tudo isso, e a tchabete, aquilo estava na ordem do dia, e realmente foi uma época incrível, foi uma época... Lembro-me de nós termos ido ao Sal, quando Mobutu se reuniu com Spínola [António de], de termos ido num avião fretado e ficado aí à frente, naquela altura, do que era o Hotel Morabeza, era uma manifestação, porque era contra das negociações que estavam a decorrer, eles queriam negociar Cabo Verde, digamos assim, então nós fomos lá, exatamente como protesto, muitos jovens, então eu costumo dizer que foi para nós, eu acho, um grande privilégio nós termos pertencido a essa época e termos tido a possibilidade de participar e de fazer o pouco que nos foi possível fazer.

Nós fomos a vanguarda naquele momento, porque éramos a geração do último ano do liceu, a geração que antecedia a entrada na universidade, porque os outros, os mais velhos, estavam em Portugal, e tivemos muitos colegas com problemas com a PIDE e a situação, e aí foi um momento de tomada de consciência, realmente, daquilo que se vivia, e que se viveu até aí. Eu entretanto fui para Cuba, logo a seguir, e continuámos em Cuba, levámos as nossas canções, levámos a nossa cultura com toda a sua força, para partilhá-la com todos os estudantes na escola de idioma e também nas nossas escolas, nós fomos com a bagagem cheia de coisas novas e de vontade de levar uma mensagem nova, de uma nação que estava a nascer para outros cantos do mundo, e foi o que se fez, porque foi quase que um êxodo estudantil para todas as partes do mundo, fomos todos, e acabámos por reunir-nos todos ao cabo dos anos, mas vindos de diferentes lugares.

Há bocadinho falei dos grupos de São Vicente, mas, por exemplo, na Praia havia o grupo Os Tubarões, que tiveram um papel importantíssimo, aliás, o Ildo continuou sempre a cantar os seus temas, nessa altura, e eu tive a oportunidade de participar num espectáculo que eles fizeram para os retornados de Angola. Consequência do processo de independência das outras colónias, muitos cabo-verdianos que viviam em Angola voltaram para Cabo Verde e havia a necessidade de os acolher. Houve muitas iniciativas, entre elas, concertos, para poder arrecadar fundos e dar um acolhimento digno para as pessoas que voltavam das colónias [que se tornavam independentes]. Lembro-me de ter

participado no Cinema nesse espectáculo, que era exactamente para os retornados de Angola, e o Ildo, que gravou sempre os temas daquela época, inclusive gravou o Josim Cabral na língua de Timor. Ele foi sempre um grande promotor, digamos, da música de protesto e luta, e misturou sempre essa música nos seus repertórios futuros, e cantou sempre. Nós identificávamos o Ildo com essas músicas, ele tornou essas músicas realmente um postal daquela época.

Outro grupo importante daquela época foi o Kolá, que modernizou um pouco os ritmos tradicionais, tornando-os mais, como é que eu hei-de dizer, estilizados, não comercial, não digo que tornou a música mais comercial, mas encontrou uma forma de fazê-la chegar mais rapidamente às pessoas, e torná-la interessante, de forma a poder despertar interesse nas pessoas, de uma música que muitas vezes não se tinha em conta. Foi muito importante o papel deles, fizeram inclusive um CD, chegaram a gravar, houve uma época aí em que eu estive fora, mas fui ouvindo as notícias, depois encontrei quando vim, claro, então também foi um grupo muito importante. Nós até a Lisboa fomos, lembro-me de termos estado um tempo, no ano que eu estive lá antes de ir para a Cuba, estivemos a preparar-nos para gravar um trabalho com o JJ Gonçalves, que era um músico daquela altura.

Dentro desse espírito, todas as músicas, tudo o que nós fazíamos cheirava a novos tempos, a tempos novos, a protesto, a luta, e aos novos tempos que se aproximavam. Portanto, a música realmente foi muito importante tal como os bailes populares que se começaram a fazer nessa época. Eu acho que foi uma altura em que o povo cabo-verdiano conseguiu respirar fundo, sim, e iniciar um percurso novo, com um novo fogo.

Todos sabemos que a componente cultural da luta de libertação foi uma componente realmente de peso, e [Amílcar] Cabral empenhou-se nisso, era um dos pilares do movimento. Inclusive, eu fui estudar para Cuba com uma bolsa da Guiné-Bissau. Isso quer dizer o quê? Que nós, quando fomos para lá, também encontrámos um grande número de jovens, um núcleo de estudantes da Guiné-Bissau, muitos. E aí foi curioso, porque nós fazíamos as actividades culturais em conjunto, e eles traziam todas as manifestações culturais da Guiné-Bissau, as canções feitas durante a luta, as canções que contavam e que denunciavam a situação que se vivia na Guiné-Bissau. Inclusive, muitas músicas, algumas eram do José Carlos Schwartz (1949-1977), que já nesse tempo tinha composições, outras eram músicas de compositores da Guiné, que foram feitas e eram cantadas e divulgadas durante o tempo da luta de libertação nacional. E os jovens da Guiné-Bissau levaram esses temas, eu aprendi muitos desses temas aí com a comunidade estudantil da Guiné-Bissau.

Eu tenho inclusive uma música em que o poema é de Amílcar Cabral, que é o Regresso, a Mamãe Velha, o Regresso de Amílcar Cabral, cuja música foi feita por um brasileiro, e eu gravei uma versão desse tema num dos meus CDs, porque ele era um poeta e alguém resolveu fazer a música, pôr a música num dos seus poemas, que realmente ele é muito identificado através desse poema, até porque para nós, os cabo-verdianos, para a nossa relação com a chuva, é um poema que tem tudo a ver connosco, a chuva desperta em nós alegria porque sabemos o que é que a chuva significa para nós. Os jovens de hoje em dia estão um bocado distanciados, digamos, daquilo que foi a independência. Não é fácil transmitir. Eu acho que muitos dos nossos filhos, e eu sei que a Teresinha também, eles têm hoje um espírito que lhes foi transmitido por nós, por aquilo que nós vivemos, mas nem todos os jovens tiveram isso. Alguns tiveram, de alguma forma, porque ficaram

dessa época alguns valores importantes que nós conseguimos transmitir aos nossos filhos. No entanto, ainda hoje, há canções que são cantadas, por exemplo, Patrice Lumumba, eu às vezes costumo cantar, era uma das canções que mais cantávamos, e toda a gente dessa época lembra-se dessas músicas, isso é que é interessante. As pessoas da nossa época todas se lembram dessas músicas e das suas letras.

Ainda, quando há as... como é que se chama? As celebrações de Cabral, canta-se o Cabral Ca Morri, o Amílcar Cabral Bo Morri Cedo, o Ilídio Lobo, muito depois gravou o Serafim, eu já uma vez estive a falar com o Manuel Faustino sobre a possibilidade de nós gravarmos um CD de músicas de intervenção daquela época, que eu acho que faria todo o sentido, e seria um pouco como avivar a memória de alguns e deixar um legado para os mais jovens, para dizer que isso corresponde a uma época. Daria azo a muitas reflexões e a uma actualização de uma época que foi importante e que não se deve deixar esquecer, porque a música sempre foi muito importante, principalmente na mobilização das pessoas. A música mobiliza e o resto vem por acréscimo, e naquela época não era fácil mobilizar por mais nada, a música é que tinha que mobilizar e nós sabíamos disso, por essa razão é que os saraus culturais eram tão importantes, porque não se consegue mobilizar as pessoas que ainda não têm a consciência desperta para determinados aspectos, então é preciso mobilizar com algo que lhes desperta a atenção, como é a música, algo que elas gostam, a festa, a música, a dança, e atrás disso, então, não se trata de politizar, simplesmente de sensibilizar para depois podermos passar a mensagem que queremos, e isso foi possível nessa altura graças à música, a música teve um papel importantíssimo, e bem, há as pessoas que fizeram as composições naquela altura

adequadas ao momento que se estava a viver e que, realmente, os temas ficaram. Eu acho que são clássicos, como os temas do Valdemar, todos esses temas tornaram-se os clássicos e por isso é que acho que talvez fosse muito bom fazer um CD, e convidar inclusive os jovens para interpretar esses temas, de forma que eles pudessem realmente sentir um pouco daquilo que nós sentimos nesse tempo, envolvendo-os nesse projecto, acho que seria uma coisa genial, portanto, fica aqui o desafio.

Eu acho que não podia haver melhor momento do que este para, no cinquentenário da independência de Cabo Verde, se fazer um CD, e é muito fácil, os temas existem, artistas há muitos, alguém tem que dar o pontapé de saída, e que sejam os jovens a interpretar esses temas, se precisarem de apoio, cá estamos nós, mas que sejam os jovens a interpretar esses temas, para saberem que essa época viveu-se, e que hoje o que se vive, deve-se ao que se viveu há 50 anos, que nada caiu do céu, tudo teve o seu percurso, e estamos aqui nós ainda para prová-lo, felizmente. Portanto, a teminar, eu acho que estive um pouco em vários momentos e lugares dessa época, eu estive nessa época, eu acho que nós temos que estar onde devemos estar e quando devemos estar, eu tive esse privilégio e vou ser sempre grata à vida por isso.

Entrevistador (a):

Edição: 2025

